



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

## DIVERSIDADE CULTURAL DO BRASIL

*Laymert García dos Santos*

Eu também vou falar em português. Gostaria de começar agradecendo este convite em nome do Embaixador Ojea Quintana e da doutora Marta Nesta.

Minha intervenção vai tomar como base o panorama feito pelo Secretário do ministério, que já nos deu a perspectiva na qual nos encontramos hoje, auspiciosa em relação à cultura. Esta perspectiva na verdade ainda não é totalmente entendida, nem pela intelectualidade brasileira, nem pela mídia, isso para não falar do povo brasileiro.

Os setores culturais ainda não perceberam o alcance da estratégia do Ministério da Cultura de considerar a cultura brasileira como uma alavanca para o desenvolvimento e de preparar uma política cultural para poder realizá-lo, considerando a própria cultura como um setor chave.

Eu vou fazer considerações mais gerais sobre esse momento que estamos vivendo no Brasil porque acho que é extremamente favorável, apesar das enormes dificuldades e desafios da área cultural.

Eu gostaria de começar minha palestra lembrando uma frase terrível, dita em tom de brincadeira, por um grande intelectual brasileiro, Oswald de Andrade. Oswald foi um Modernista, que nos anos 20 lançou um manifesto chamado “Manifesto Pau-Brasil”. Neste documento ele cita um pensamento que espelha de alguma maneira a nossa condição.

A frase dele, em inglês, se referia a um povo indígena brasileiro exterminado, o povo Tupi. A frase era a seguinte: “Tupi or not Tupi, that’s the question”. Esta frase, essa espécie de dúvida “hamletiana” brasileira engloba um contexto bastante complicado. Era dirigida aos povos indígenas do Brasil. Eu não sei se todo mundo sabe, mas no Brasil existem hoje mais de 200 povos indígenas, falando mais de 180 línguas. Existem, inclusive, povos isolados no Brasil, povos que ainda não foram contatados e que não serão contatados por uma política do Governo Federal de mantê-los isolados.

“Tupi or not Tupi” vai então estar dirigida, em primeiro lugar, aos próprios índios justamente porque antes da Constituição de 1988, existia este terrível dilema. Os índios eram acusados, por um lado, de não serem brasileiros, porque eram índios. Por outro lado, quando se tornavam brasileiros, eram acusados de serem brasileiros, porque tinham deixado de serem índios. Eram colocados na posição que Gregory Bateson chamava de “double bind”, ou seja, numa situação impossível. Era impossível para eles continuarem sendo índios, mas também era impossível se tornarem membros da sociedade branca, ou da sociedade envolvente, porque escolher este caminho de integração, significava sua morte como povo.

Então, o “Tupi or not Tupi”, primeiro, foi dirigido para eles, mas sendo dirigido para eles, também era dirigido para nós, brasileiros, justamente pelo fato de os povos indígenas serem os povos da terra. Afinal eles já estavam aqui, há pelo menos mais de três mil anos. Estes povos da terra não eram reconhecidos por nós na sua relação com a própria terra. Oswaldo de Andrade dizia que não podíamos saber bem quem éramos porque começávamos negando o vínculo com a terra daqueles que eram da própria terra. Como ficava então o nosso vínculo com esta terra?



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

**Esmeralda 1212, C1007ABR**  
**Buenos Aires, Argentina**  
**Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359**



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

Isso significa, de certo modo, que a nossa colonização, ou nossas vidas como “sociedade civilizada” começaram com um recalque do sentido profundo da escolha que era dada aos índios e do reflexo que isso tinha sobre a sociedade brasileira, um lado de integração e outro de genocídio. Genocídio que até hoje não foi redimido, mas que começa a ser retrabalhado a partir do reconhecimento desta diversidade cultural brasileira, a partir da Constituição de 88, quando o Estado brasileiro reconhece os territórios indígenas como territórios imprescritíveis, inalienáveis, que pertencem a estes povos. Pertencem a eles porque eles estavam lá antes mesmo da existência do próprio estado.

Devemos começar, então, justamente por este ponto. E começar por este ponto significa que temos que começar pelo primeiro pilar do triplo tripé que compõe a sociedade brasileira. O antropólogo Darcy Ribeiro, num livro muito interessante chamado “O povo brasileiro”, dizia que a sociedade brasileira é constituída por uma tripla matriz: índios, negros que vieram como escravos da África, e europeus.

Se observarmos bem o que aconteceu no Brasil, segundo Darcy Ribeiro, foi uma tripla desterritorialização. Houve uma desterritorialização dos povos indígenas, em função do sentido de colonização que os negava o reconhecimento como povos da terra; uma desterritorialização dos negros africanos que vieram importados da África; e uma desterritorialização dos europeus, principalmente dos de origem camponesa que vieram de Portugal para povoar o Brasil, deixando sua cultura para trás. Isso fez com que a cultura brasileira, com essa tripla matriz se tornasse uma cultura que, por um lado, do ponto de vista étnico, herdava correntes culturais muito variadas, mas por outro, também fazia com que esse povo, que se forjava, rompesse com essas correntes, na medida em que essas próprias matrizes culturais estavam rompidas em relação à terra. As três correntes estavam desterritorializadas.

Isso provoca um efeito muito forte sobre os brasileiros. Por um lado porque somos um povo moderno por excelência, que rompeu com seu passado, e por outro porque as três matrizes também fizeram o mesmo, de uma maneira ou de outra, com o seu passado. Então somos um povo voltado para frente, um povo moderno que rompeu com as tradições, muito embora esta ruptura tenha sido dada de forma muito ambígua. Estas tradições continuaram existindo de um modo muitas vezes até clandestino, camuflado dentro da chamada cultura dominante brasileira.

Tudo isso criou uma espécie de povo novo, que, de certa forma, estava fadado a ser um povo de futuro e não de passado, justamente porque nascia desta espécie de grande desarraigamento.

Outro grande intelectual brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda, no livro Raízes do Brasil, diz: “nós somos desterrados em nossa própria terra”. Isto é um paradoxo. Se somos desterrados na nossa própria terra existe um problema nevrálgico com o qual temos que lidar. Este povo é da terra, de um território de dimensão continental, mas não pertence a esta terra. É um povo, como dizia Darcy Ribeiro, que não “é para si”, justamente por causa da desterritorialização. E também porque a determinação econômica deste povo sempre foi feita a partir de fora do país, através dos ciclos da monocultura.

Isso criou um povo brasileiro paradoxal e este paradoxo atormentou praticamente todos os grandes autores brasileiros do século XX, que tentaram pensar a modernização do Brasil e a formação da sociedade e da cultura brasileira. Desde Caio Prado Junior, passando por Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Alfredo Bosi, Antônio Cândido, Roberto Schwarz, Mario de Andrade, Oswald de Andrade, entre outros.



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

Esmeralda 1212, C1007ABR  
Buenos Aires, Argentina  
Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

Todos estes autores modernos que se preocuparam com a formação da sociedade e da cultura brasileira tinham uma obsessão em superar a herança colonial, que era a herança do escravismo e de uma cultura de exportação. Superar essa herança colonial para que esse povo pudesse finalmente "ser para si". Vivíamos então uma situação bastante curiosa. E eu digo "vivíamos" porque parece que agora as coisas estão começando a mudar de maneira muito auspiciosa. Durante muito tempo todo mundo tentava pensar na construção de um país do futuro e o problema era que este futuro era constantemente adiado, como uma miragem que ficava sempre para frente.

Eu me lembro de ter lido há pouco tempo uma história muito interessante sobre um escritor americano chamado Gore Vidal. Ele esteve no Brasil nos anos 80, inclusive na Unicamp, entre 1982 e 1983, fazendo palestras. Há alguns anos, um jornalista brasileiro foi fazer uma entrevista com o Gore Vidal, já velho voltando de Roma para os Estados Unidos, desencantado. Ele recebeu o jornalista, que contou que era do Brasil e aí Gore Vidal falou: "O Brasil é um país do futuro e sempre será".

Esta frase, de certo modo, retomava a frase dita por Charles de Gaulle, se não me engano, nos anos 60, de que o Brasil não era um país sério. Gore Vidal quando retomou esta frase, a retomou para dizer que este país não é serio. É um país do futuro com uma promessa, como um gigante deitado eternamente em berço esplêndido. Mas a verdade não é bem esta e as coisas estão começando a mudar.

Se este povo não era "para si", mas "em si", de certo modo, existia este paradoxo expresso numa unidade territorial muito grande, uma unidade linguística e uma enorme diversidade cultural, já apontada pelo José Luis. Isso fazia também com que, de certo modo, a gente tivesse uma espécie de déficit para chegar lá. Eu gostaria de focar a cultura brasileira hoje justamente a partir da perspectiva de superação deste déficit, se começamos justamente através do reconhecimento da diversidade cultural brasileira e da importância desta diversidade cultural.

A diversidade cultural brasileira, de certo modo, é a diferença que faz a diferença para nós. Somos um povo que absorve outras etnias ou membros de outros povos com uma facilidade gigantesca: dos japoneses aos palestinos, dos espanhóis aos italianos e alemães, enfim, a todo tipo de imigrantes que se integram à cultura brasileira. Mas existe este problema central do recalque em relação aos povos da terra, que ainda não está completamente resolvido.

Isso faz com que a gente tenha uma cultura brasileira, uma diversidade, uma cultura rica em saberes e saber fazer, modos específicos de fazer, uma riqueza regional muito grande. Dentro das regiões também existe uma grande diversidade porque há correntes diferentes, correntes de alimentação, de procedências, de culturas muito diversas, integradas de uma maneira muito original. Mas ao mesmo tempo existe um segundo paradoxo, que é esta cultura rica e diversa e ao mesmo tempo um povo sem cultura.

Os dados levantados pelo José Luis, por exemplo, sobre a frequência a cinema, museus, acesso ao teatro, acesso aos chamados bens culturais no Brasil são absolutamente escandalosos. Temos uma situação onde existe uma cultura rica, com uma população sem cultura; existe uma cultura como potência cultural porque ela tem influências fortes e sabe elaborar isso de um modo original, mas não se expressa no chamado campo oficial da cultura porque não se expressa através da frequência do acesso desta população aos chamados bens culturais.



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

Esmeralda 1212, C1007ABR  
Buenos Aires, Argentina  
Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

Um exemplo claro da riqueza da cultura brasileira são as escolas de samba. Quando eu era menino se dizia: “escola de samba, escola da vida”. De certo modo se prestarmos atenção em uma escola de samba, vamos ver que se parece a uma ópera. É um gênero que tem música, cenografia, dança, figurino, letra, poesia porque tem uma narração cantada como numa ópera, e que tem uma confluência muito interessante das três matrizes brasileiras.

O guarda-roupa da escola de samba é uma recriação das cortes europeias, uma retomada da vestimenta da aristocracia europeia, mas a plumária é indígena. Esta plumária, que é usada na escola de samba, foi dos índios para as cortes europeias, sobretudo francesas, nos séculos 17 e 18, e de lá voltou para a escola de samba. É por isso que vemos o mestre-sala de Peruca poudre, de leque e lenço, dançando com uma porta-estandarte com um minueto estilizado no ritmo africano, com um cocar de plumas na cabeça ou plumas nas mangas, misturando as três grandes matrizes numa ópera absolutamente popular.

Uma ópera na qual o luxo é tirado da miséria, na qual existe uma incrível organização: seis ou sete mil pessoas por escola, que precisam desfilarem durante uma hora, sem perder o ritmo, num processo extremamente organizado. São sete mil pessoas que não podem atravessar o samba, que devem desfilarem mantendo um ritmo e um pique do começo ao fim da avenida, durante uma hora para não perderem pontos. É uma capacidade de criação e de transformação da miséria em luxo de uma maneira incrível.

Podemos nos perguntar o seguinte: o que seria desta população se tivesse acesso à cultura e meios para poder criar? Se já sem meios eles criam o que criam. Eu estou falando sobre Escola de samba, mas poderia ser sobre o Boi de Parintins, no Norte do Brasil, ou o Maracatu. Para cada canto do Brasil eu poderia citar uma manifestação popular cultural extremamente forte, com uma riqueza de várias artes, mescladas e integradas.

Trata-se então agora de resolver este paradoxo. Uma das coisas que me entusiasmou em relação à estratégia implantada pelo ministro Gilberto Gil, e depois continuada pelo ministro Juca Ferreira foi justamente uma estratégia cultural para mudar esta situação. Não é só criar condições para uma inclusão cultural da população - o que é importante - mas mais do que isso, fazer uma ligação inédita que precisa ser feita, não somente no Brasil, mas em todos os países da América Latina. E está sendo feito. É preciso, não apenas promover a inclusão cultural para que a população tenha acesso aos bens culturais, mas também reconhecer o potencial cultural deste povo e mobilizar este potencial em termos econômicos e de desenvolvimento. Para isso, é necessário estabelecer uma conexão entre passado e futuro.

Eu me lembro no começo da década de 80 a primeira visita que um grande psicanalista francês fez ao Brasil, chamado Felix Guatarri. Nós vimos um filme juntos muito interessante de um candomblé da Bahia que tinha uma pomba-gira, uma entidade do candomblé que dançava como uma ave. Ela estava toda pintada como uma ave, uma negra lindíssima. Ao ver aquilo, o Felix Guatarri disse: isso é fantástico. É como Picasso vivo. Mas o mais curioso é que esta pomba gira vai sair daí, vai botar uma calça jeans e ouvir walkman. Ela é hiper moderna, pode passar sem transição de uma cultura tradicional para uma cultura contemporânea. Ela pode usar a tecnologia em uma ponta e na outra ponta ser a pomba-gira do candomblé, da sua religião, da sua cultura tradicional. E não há contradição entre uma coisa e outra. Há uma espécie de continuidade, uma espécie de recombinação e de articulação entre cultura tradicional e cultura moderna. É isso o que faz a diferença. Faz a diferença em relação a quê? Em relação ao modelo euro-americano que é o



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

Esmeralda 1212, C1007ABR  
Buenos Aires, Argentina  
Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

modelo de cultura para nós. No modelo euro-americano todo mundo tem que ter o mesmo patamar, ter chegado à modernidade do mesmo jeito, ser homogêneo. A partir desta homogeneização e desta dessacralização do que acontece nos Estados Unidos e na Europa então se cria a cultura. Aqui não. Aqui existem temporalidades diferentes porque as pessoas estão misturando tempos diferentes, processos diferentes, culturas diferentes, e tudo isso misturado com tecnologia.

Eu acho que esta é uma questão importante para se pensar. É preciso reatar, estabelecer uma conexão entre passado e futuro porque modernamente a questão do passado é sempre alguma coisa que temos que deixar para trás. Os modernos estão sempre procurando o novo, rompendo com o passado. O Alfredo Bosi, um grande crítico da literatura brasileira, ao analisar a questão dos intelectuais brasileiros, comenta como as elites brasileiras vivem a obsessão do descompasso. Estamos sempre nos medindo pelo que não temos, sempre olhando para o universo euro-americano e nos perguntando por que a gente não pode chegar lá. Estamos sempre dizendo que começamos não por aquilo que temos, mas por aquilo que não temos. A obsessão do descompasso faz com que sempre estejamos correndo atrás.

A situação contemporânea, não só para o Brasil, mas para todo mundo, mudou esta realidade porque veio a chamada virada cibernética, que mudou a relação entre cultura moderna e culturas tradicionais. Por quê? Porque a partir dos anos 50, a virada cibernética e a cibernização das ciências, da cultura, das artes, de todos os setores da vida, começando pelo trabalho e chegando até à linguagem, apagou a fronteira entre culturas tradicionais e culturas modernas no que se referia ao novo que é bom, o velho que é o antigo e está superado.

Por que isso aconteceu? Porque a própria cultura cibernética trata a cultura moderna como mais uma cultura ao lado das outras culturas que ela vai reprocessar. Por isso, ao apagar a diferença, a dicotomia, a oposição entre cultura moderna e culturas tradicionais, a cultura cibernética permite uma rearticulação e uma reavaliação das culturas nesta nova situação, nesta nova configuração.

Culturas tradicionais e cultura moderna entram num processo de reconfiguração e de recombinação, a partir da chamada cultura cibernética que trabalha principalmente num processo de aceleração. Eu não sei se as pessoas percebem hoje em dia que todo mundo não tem mais tempo para nada. Imagino que na Argentina também deve ser a mesma coisa. Mas não sei se as pessoas percebem a intensidade da chamada aceleração da aceleração tecnológica.

Vou ler um comentário escrito por um grego que trabalha sobre o futuro no Escritório Europeu de Patentes. Ele estava encarregado pelo escritório de estudar o futuro porque a organização estava se organizando para o futuro em termos de staff e de volume de trabalho. O staff teve que aumentar num período muito curto de tempo, cinco vezes mais do que o planejado, porque o volume de trabalho também tinha aumentando cinco vezes mais do que o planejado. Então eles constituíram uma espécie de força tarefa para estudar a relação do futuro com a tecnologia e as projeções de futuro sobre o que ia acontecer até o ano de 2020 para poderem se equipar e enfrentar o futuro.

O comentário é muito interessante para pensar o que significa a aceleração da aceleração: "se você considerar o progresso tecnológico realizado no ano 2000 como uma unidade de tempo tecnológico, calcula-se então que o século XX teve ao todo 16 destas unidades. Todo o século 20 é equivalente a apenas 16 anos de progresso tecnológico, medido pelo progresso do ano 2000.



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

Esmeralda 1212, C1007ABR  
Buenos Aires, Argentina  
Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

Isto é, em termos tecnológicos, todo o século poderia ser comprimido em apenas 16 anos, com desenvolvimentos cada vez mais concentrados em seu final. Levando-se em conta esse efeito de aceleração, você poderia imaginar quantas unidades de tempo tecnológico nossos filhos e nós vamos experimentar e ter de enfrentar durante o século XXI? Aparentemente haverá mais do que 100, mas você pode imaginar quantos? Se você simplesmente extrapolar a tendência atual, assumindo que não ocorrerão desastres em larga escala e a longo prazo, pode ser que, dentro de duas gerações, tenhamos que lidar com o progresso tecnológico equivalente a 25 mil anos, baseado na tecnologia do ano 2000. Mesmo que você considere apenas mil anos significa que, dentro de duas ou três gerações, teremos que enfrentar desafios semelhantes aos que a maioria das populações da África ainda estão enfrentando. Populações que foram catapultadas da idade da pedra ou do ferro à modernidade.”

Desde que ouvi esse comentário fiquei siderado. O interessante é que com essa aceleração e essa intensidade nossa própria sociedade vai ter que se virar com uma velocidade que nos catapulta no tempo e que nos assemelha a populações da África que foram catapultadas...

Eu consigo entender bem esta frase porque desde o começo dos anos 90 tenho uma ligação forte com o povo lanomami. Fui inclusive presidente de uma Organização Não Governamental que lutou pela demarcação do território lanomami no Norte do Brasil. Do ponto de vista da nossa sociedade branca, moderna, ocidental podemos considerar que os lanomamis são um povo que ficou parado no tempo. E é então que conseguimos ver o que significa ter que lidar com o contato com uma sociedade e a velocidade que existe nessa sociedade. Quando eles têm que lidar com essa cultura, que é uma cultura veloz, ela é do outro, não a própria. O que o grego do Escritório Europeu de Patentes diz aqui é que vamos ter que lidar com essa velocidade na nossa própria cultura. Então começamos a pensar porque será que começaram a aparecer umas figuras estranhas na cena da cibercultura, denominadas neo-primitivas, por exemplo? Por que será que começaram a aparecer essas figuras que nos fazem pensar que são o começo de uma outra sociedade humana? Porque nossa sociedade, ao ter que lidar com essa velocidade, perde o sentido de cultura moderna. A cultura moderna se equipara, em termos de relações, com a cultura tradicional. Passa a ser tão antiga, de certo modo, quanto as outras culturas tradicionais. A cultura cibernética vai começar a lidar com a cultura moderna da mesma maneira que ela lida com as outras, potencializando o que interessa e desvalorizando o que não interessa.

O que é interessante nesta nova situação é que ao romper-se esta oposição entre cultura moderna e culturas tradicionais, o país que tem grande tradição e diversidade de cultura leva uma espécie de vantagem com o mundo euro-americano. Por quê? Porque eles podem lidar com esta situação através de lógicas diferenciadas. A China, por exemplo, pode jogar sobre dois tabuleiros. A maneira como a China lida com a questão da propriedade intelectual, que é justamente a questão do conhecimento e da cultura. Lida na lógica ocidental e na lógica chinesa. Ela joga num tabuleiro quando é necessário e joga em outro quando é necessário também. Mantém as duas culturas vivas. Ela liga oriente e ocidente nesta possibilidade. Esta diferença é que faz a diferença. Ao mesmo tempo ela pode chegar lá como está chegando. A mesma coisa acontece com a Índia que tem uma cultura tri-milenar. Utiliza essa diversidade cultural em relação ao ocidente para alavancar o seu próprio movimento de transformação.

Ora, se isso vale para a Índia e para a China, também vale para o Brasil. Estamos no interior do BRIC. O Brasil tem uma diversidade cultural muito grande, mas não a reconhecemos, não



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

Esmeralda 1212, C1007ABR  
Buenos Aires, Argentina  
Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

reconhecemos seu potencial para nos ensinar a fazer diferente dos outros. Não reconhecemos este potencial, por exemplo, através até mesmo das culturas que são muito antigas, como as culturas indígenas que consideramos como culturas atrasadas. O curioso é que se considerarmos do ponto de vista ambiental, com um mapa da Amazônia Legal, podemos ver onde estão os territórios indígenas. Eles ocupam 13% da Amazônia brasileira. Onde tem povo indígena tem preservação e produção de natureza. Preservação e produção porque a natureza se produz também. Porque existe uma sócio-diversidade ligada à biodiversidade daquele lugar. Se não houvesse uma sócio-diversidade aquela biodiversidade teria ido para o espaço há muito tempo.

Podemos até considerar os povos indígenas como uma cultura minimalista porque conseguem fazer mais com menos, exatamente na perspectiva que o inventor americano Richard Buckminster Fuller falava: a questão cultural por excelência, “information gathered problem solved”, ou seja, coleta de informação a partir de um mito e resolução de problemas dentro daquele mito. Muita coisa que a gente consideraria como rudimentar, na cultura indígena são soluções extremamente inteligentes e interessantes, desenvolvidas há muito tempo. Do nosso ponto de vista, como não é moderno não é interessante.

Eu estou trabalhando em uma ópera sobre a Amazônia, em parceria com a Alemanha, para a Bienal de Ópera de Munique de 2010. Neste trabalho, estamos analisando a Amazônia sob duas perspectivas: a tecno-científica, como ela olha a Amazônia, afinal a floresta é informação, antes de tudo, agenciamento de informação, a natureza é designer da natureza e é assim que a tecnociência vê a floresta; e por outro lado trabalhamos sob a perspectiva lanomami do que eles chamam de terra floresta.

Na Ópera, vamos encenar o confronto, a possibilidade ou não de diálogo entre essas duas perspectivas. Para poder realizar esta ópera, estamos trabalhando com os Xamãs lanomamis. Levamos os xamãs para Munique para o maior centro de arte e tecnologia da Europa, o ZKM em Karlsburg. Os Xamãs foram até lá para poder ver trabalhos de arte e tecnologia de altíssimo nível, para poder conversar com os tecnólogos do lado de cá e encontrar pontes e terrenos de resolução de questões que possam interessar ao desenvolvimento desta ópera.

Na fase seguinte, os técnicos vieram da Alemanha e foram para a aldeia. Assistiram os xamãs realizando seus rituais e numa certa altura um dos xamãs diz que está começando a descer no seu peito o desenho dos cantos do espírito de um determinado pássaro. Estava descendo no corpo dele. Ele não estava ouvindo os cantos, ele estava vendo o desenho dos cantos do espírito de um pássaro! Ele fez uma descrição que, para nós, em termos informacionais significava que estava acontecendo um download audiovisual no corpo do xamã. Não era uma metáfora, estava realmente acontecendo. Ele contou aquilo e imediatamente modulou e começou a cantar e a dançar como o pássaro para realizar o seu ritual de cura.

Aquela imagem era forte e interessante. De repente comecei a perceber que, de certo modo, o que o xamã estava fazendo era acessando a dimensão virtual da realidade, da mesma forma como fazem os tecnólogos, só que com outro tipo de tecnologia que eles desenvolveram de maneira diferente. Com isso podemos começar a entender quando o Elias Canetti, prêmio Nobel de Literatura dizia: é interessante esta história de mitos e xamãs porque todas as tecnologias contemporâneas foram primeiro pensadas pelos xamãs no mundo do mito. A nossa grande tragédia é que não somos capazes de inventar nenhum mito. Só a Madonna que é na verdade uma recombinação da Maria de Metrópolis, do Fritz Lang, junto com um pedaço de outro



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

Esmeralda 1212, C1007ABR  
Buenos Aires, Argentina  
Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359



FORO LATINOAMERICANO  
POR LA IDENTIDAD  
Y LA INTEGRACIÓN

Frankestein da cultura de massa, etc, ect. Isso é o que chamamos de mito. Tudo o que a tecnologia realiza foi antes pensado no mundo do mito.

Se isso é verdade, quando, por exemplo, um xamã lanomami ou Xavante diz que a gente inventou o avião porque eles não quiseram desenvolver, deixaram para nós, geralmente o homem branco pensa assim: eles estão com inveja porque temos avião e eles não têm. Por que será que temos que pensar que a cultura ocidental pôde evoluir no tempo durante três mil anos e eles, que escolheram uma via diferente, ficaram parados naquele tempo? Será que eles não fizeram opções para se desenvolver de uma maneira muito diferente que nós não somos capazes de reconhecer? Se eles fizeram um caminho muito diferente do nosso, talvez tenham tecnologias avançadíssimas para lidar com a chamada dimensão virtual da realidade que não são as nossas. Talvez seja interessante que eles vivam e sobrevivam e possam continuar desenvolvendo suas culturas não só por que isso é um assunto deles, mas também por egoísmo nosso porque todos nós, toda a humanidade, poderia se beneficiar.

Há 20 anos, conheci um médico alemão que pesquisava mantras tibetanos para fazer remédios sonoros. Ele chegou à conclusão de que os mantras tinham um efeito terapêutico interessantíssimo, que não era reconhecido pela medicina ocidental, mas que valia a pena pesquisar porque talvez, no futuro, poderíamos ter certos problemas de saúde resolvidos através de cantos. Assim ele começou a desenvolver uma pesquisa nesta direção.

Eu estou chamando a atenção para este ponto porque temos uma diversidade cultural enorme. O Brasil não conseguiu exterminar seus povos indígenas completamente. Tem até hoje esta riqueza cultural, que não é só dos índios, mas dos negros, dos quilombolas, dos ribeirinhos, de todas as regiões brasileiras, com um potencial enorme nessa nova configuração em que a cultura aparece com um fator chave para o desenvolvimento.

Não é à toa que estamos entrando na sociedade do conhecimento, onde conhecimento é valor. Se conhecimento é valor, temos que começar a pensar o que podemos fazer para mobilizar esse conhecimento, mobilizar o potencial dessa diversidade cultural para fazer dela alguma coisa para que esse povo seja dele mesmo e não mais um povo que fica congelado nessa espécie de paradoxo de "Brasil, país do futuro" e "Brasil, país que fica apenas numa promessa".

Para encerrar, gostaria de dizer que este processo interessantíssimo não está ocorrendo somente no Brasil, mas sim em toda a América Latina. Ao observar o que se passa em outros lugares e o modo como as culturas locais, que são culturas da terra, começaram a se explicitar e entrar na cena da história, tudo isso é muito auspicioso.

Não temos porque nos envergonhar disso. Muito pelo contrário, é uma diferença que faz a diferença e que vai permitir que transitemos um modo diferente e construamos um futuro diferente que permita nos religar à nossa terra, para deixarmos de ser desterrados na nossa própria terra.



Ministerio de  
Relaciones Exteriores,  
Comercio Internacional  
y Culto  
Presidencia de la Nación

**Esmeralda 1212, C1007ABR**  
**Buenos Aires, Argentina**  
**Tel: + 54 (11) 4310-8361 / 8359**